

Retalhos

I

Estou certo de que não foi o acaso que me levou a encontrar o caderno azul de capa dura, não mesmo. Escondido num desvão entre o gaveteiro e o revestimento lateral do velho guarda-roupa, eu o descobri há três dias, quando tentava dar jeito numa gaveta emperrada. Sacudi com força, ouvi um objeto despencando, e lá estava ele – empoeirado, mas intacto, à minha espera, porque é evidente que outros, antes de mim, tiveram problemas com a mesma gaveta birrenta. Desde então, li e reli seus textos desorganizados e confusos, e fiz tantas perguntas para os funcionários da pensão, que posso dizer: o que começou como mera curiosidade, virou amizade, passou pela admiração, culminou em amor. Amo a dona desse caderno e suas histórias agora tão minhas, amo a dona desse caderno como a uma filha distante a quem o pai tudo perdoa.

Você tinha 24 anos, muitos sonhos e um ano de casada quando veio parar na pensão da dona Maria, onde viveu por oito meses nesse mesmo quarto que me coube alugar. O velho casarão assobradado fica numa esquina da avenida Amazonas, uma das mais barulhentas, feias e movimentadas de Belo Horizonte. Aqui, você logo aprendeu que o toque do sino, por volta de meio-dia, meio-dia e quinze, desencadeava um tropel pelas escadas de madeira; aviso de que o almoço estava na mesa e de que os bifes seriam dos primeiros, jamais dos últimos a chegar. O mesmo toque, e o mesmo tropel, repetiam-se por volta de sete, sete e quinze, com o jantar servido. Isso, minha querida, não mudou, assim como o cardápio, imutável: arroz, feijão, batata cozida, bife e salada de alface e tomate.

Como eu, você também aprendeu que dona Maria, velha portuguesa muquirana, sempre de lenço na cabeça, vestido preto, boca encimada por um feio bigode de fios rebeldes, nunca se abala com os bifes insuficientes para todos os hóspedes. Por isso, continuam comuns os bate-bocas à mesa, um colocando no outro a culpa por seu prato incompleto. No início, assustada com as vozes alteradas, você perdeu a fome algumas vezes; depois, deixou de se importar, como a gente aprende a não se importar com um pisão acidental dentro do ônibus lotado. Dói na hora, mas o incômodo é passageiro.

Sua vida se resumia ao quarto/banheiro da pensão, onde era a única mulher e cruzava o tempo todo com desconhecidos, em geral homens jovens e sozinhos, em busca de novas oportunidades. Tímida, você passava por eles de cabeça baixa, limitando-se aos cumprimentos obrigatórios bom dia, boa tarde, boa noite. A única exceção era o senhor Pereira, um português afável, sempre de camisa de mangas curtas e calça social, que deixou Angola pouco depois do início da guerra civil para tentar a sorte no Brasil – mais velho, a caminho dos 50, ele contava histórias, falava com saudade da família distante e tinha cabelos escuros ondulados, que lembravam os de seu pai. Conversando com Pereira, você muitas vezes sorria feliz, imaginando-se em casa. Sabe, menina, que também estou perto dos 50 e meus cabelos são escuros e ondulados? E sabe que, se pudesse, teria dado alguns conselhos a você antes que decidisse casar-se com um homem que mal conhecia?

A história do rompimento com o antigo namorado, de quem chegou a ficar noiva, e do rápido casamento, apenas três meses depois de conhecer seu marido, me deixou perplexo. Fico me perguntando como é que uma moça tão sensível e bem-preparada pôde dispensar de maneira tão rude o rapaz que namorou durante anos para entrar numa relação às cegas com um aventureiro. Você relembra o diálogo de seu último encontro com o ex-noivo; para mim, foi breve demais - e triste demais.

- Ouvi dizer que você está namorando sério e pensando em casamento.

Verdade?

- Verdade. Foi tudo muito rápido. Vou me casar daqui a dois meses.

- Dois meses? Puxa! Gosta dele?

- Gosto muito. Me diz uma coisa: devo mandar convite para você e seus pais?

- Não precisa. Obrigado. Seja feliz.

Onde você estava com a cabeça quando perguntou se deveria enviar convite para ele e os pais? Por favor, menina, isso não se faz; machuca o outro e esses machucados seguem conosco pela vida como as marcas das cicatrizes da infância – a da testa onde um prego enferrujado se alojou um dia, a da pálpebra superior fisgada sem querer pelo anzol lançado por um amigo, a do dedão da mão direita cortado fundo por uma faca. Dias depois, seu ex-noivo bebeu além do razoável e enfiou o carro num poste; por um milagre saiu inteiro, mas o carro ficou destruído. Você nunca mais o viu, casou-se e assinou sua sentença de infelicidade, porque seu marido, fiquei sabendo, além de possessivo e grosseiro, era do tipo que não se fixa

em lugar nenhum, sempre atrás de negócios milionários. Antes de desembarcar na pensão da dona Maria, dirigindo um Fusca creme, com umas poucas malas nas mãos, viveu com você por um curto período em Campo Grande, mas precisou deixar a cidade, porque já não tinha como escapar dos credores. Você e ele não conheciam ninguém em Belo Horizonte e o dinheiro curto mal dava para sobreviver; era suficiente apenas para pagar a pensão.

A rotina logo se estabeleceu. Todos os dias, seu marido saía para trabalhar, tentando iniciar mais um de seus negócios mirabolantes, enquanto você tinha um mundo de uns 18 metros quadrados todinho seu para explorar. Imagino você sentada nessa mesma cama de casal, olhando, à esquerda, para o velho guarda-roupa; à direita, para a escrivaninha de três gavetas e uma cadeira; à frente, para a única janela veneziana de madeira, de onde se vê um trecho de calçada deserto e as pistas movimentadas da avenida. É um cômodo impessoal, sem quadros, tapetes, cortina ou televisão para ajudar o tempo a passar. O pequeno banheiro fica à direita e não tem porta, apenas uma cortina de plástico a separá-lo do quarto, do mesmo tipo que serve para o box durante o banho, e que, nas suas palavras, gruda na pele feito lesma nojenta.

Homem de um ciúme que beirava a violência, seu marido nunca admitiu que você fizesse passeios pela cidade. A única exceção, você descobriu logo, era a caminhada que levava à biblioteca pública, na praça da Liberdade – 40 minutos andando a passos médios, dia sim dia não. A partir daí, seu caderno mudou, do tédio do cotidiano descrito em letras contidas passou para uma escrita esparramada, espaçosa, sempre acima das linhas; as primeiras anotações misturam lista de compras e nomes de escritores, sem qualquer ordem lógica. Panos de limpeza, vassoura, rodo, Kafka, Tolstói, Zola, Bukowski, balde, cera, esponja, Herman Hesse, Jack London, água sanitária, desinfetante, álcool, Oscar Wilde, Stendhal, Thomas Mann, Hemingway, limpa-vidros, sabão, luvas de borracha, Daphne Du Maurier, Graciliano Ramos, Nelson Rodrigues.

Isso me fez supor que você dispensou a faxineira da pensão e assumiu a limpeza do quarto/banheiro, informação que confirmei em conversas com a cozinheira, que já estava por aqui naquela época. Você varria, passava pano úmido no chão, tirava o pó, limpava os vidros, encerava e chegava ao cúmulo de emprestar o escovão da dona Maria para lustrar o piso de madeira até parecer espelho. Com certeza, faxinava também o banheiro e encerrava tudo com algumas flores que trazia

da rua e colocava num vasinho de vidro verde – ela cantarolava músicas que ouvia em um pequeno rádio de pilhas e era até bem afinada, contou-me a cozinheira.

Há um caldeirão, um mergulhão elétrico, Dostoiévski, Machado de Assis, García Márquez, Victor Hugo, dois pratos fundos, duas colheres, uma concha, Camus, Nabokov, Borges, Cortázar, uma faca, guardanapos, George Orwell, Saramago. O caldeirão e o mergulhão serviam para fazer sopa instantânea, Steinbeck, como reforço para o jantar. Você conta também que comprava goiabada de lata, Guimarães Rosa, para a sobremesa, pois podia ficar fora da geladeira; sobre a escrivaninha, bem protegida, não estragava. Eu, que já fiz sopa com mergulhão elétrico, posso dizer: é uma temeridade, porque, depois de atingido o ponto de fervura, não há como reduzir a temperatura. O líquido borbulha sem controle para fora do caldeirão e, além da sujeira, há sempre o risco de uma queimadura.

A reprodução de frases inteiras de autores clássicos ocupa muitas páginas de seu caderno; acredito que sem relação com sua vida, mas prova do quanto você estava fascinada com a literatura e a beleza das palavras. Tem frases de “Suave é a noite”, de Fitzgerald; várias de Fernando Pessoa e seus heterônimos, algumas de “Madame Bovary”, de Flaubert; outras de contos de Tchekhov – tudo misturado com anotações sobre pagamentos para dona Quitéria, que pegava a roupa uma vez por semana; levava a suja, trazia a limpa. Meu resumo de sua vida: você limpava o quarto/banheiro, ia à biblioteca, lia praticamente o dia todo, escrevia no seu caderno e corria, ao toque do sino, para não perder o bife. Sobre seu marido, nenhuma palavra. Soube que ele parecia sempre irritado e era, muitas vezes, grosseiro.

No final do quinto mês, você começou a mudar sem que ninguém percebesse. Pouco a pouco, as listas de compras desaparecem, o que me fez pensar que a faxina do quarto/banheiro voltou a ser responsabilidade da pensão e que você cansou de reforçar o jantar com sopa instantânea e goiabada de lata. Coincidentemente, cruzei ontem no corredor com uma lavadeira. Dona Quitéria?, arrisquei. Ela assentiu e me deixou exultante quando se dispôs a conversar, confirmando que você, uma beleza de moça educada, mudou muito nos últimos meses em que morou na pensão. Não queria mais saber de faxina nem de compras, só de ler, estava sempre desatenta, mal e mal controlava as roupas que mandava lavar. Sempre educada, mas vivia no mundo da lua.

A partir daí as frases reproduzidas no seu caderno já não são aleatórias; muitas estão grifadas:

As flores na mão da noiva parecem tristemente a guirlanda que adornava as bezerras oferecidas em sacrifício na Antiguidade. – Thomas Hardy.

Outras aparecem recortadas em trechos curtos, como uma brincadeira:

Os homens sofreriam menos =====
==== se não se aplicassem tanto a invocar =====
===== os males idos e vividos, =====
em vez de esforçar-se ===== por tornar suportável =====
=== um presente medíocre ===== Goethe

E algumas estão distribuídas em várias linhas, como poesia:

“Ninguém é mais arrogante em relação às mulheres,
mais agressivo ou desdenhoso
do que o homem que duvida de sua virilidade.”
Simone de Beauvoir

Curiosamente, essas frases são quase todas de mulheres escritoras e uns poucos homens. Há Faulkner e Capote, mais Virginia Woolf, Zelda Fitzgerald, Lygia Fagundes Telles, Jane Austen, Hannah Arendt, Rachel de Queiroz...

Sublinhada inúmeras vezes, a última frase é de Clarice Lispector:

Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero uma verdade inventada.

Então, quando já não havia mais nenhum espaço no caderno azul de capa dura, você o escondeu no velho guarda-roupa e tentou colocar um ponto final naquela vida. No dia de seu aniversário de 25 anos, pediu à cozinheira para almoçar 15 minutos mais cedo, antes de seu marido chegar, escolheu e comeu com vontade o maior e mais suculento bife da travessa, subiu até o quarto, pegou a bolsa e saiu às pressas.

No final da noite, estava de volta, derrotada pelo medo de viver.

Era uma viagem de ônibus fretado de Belo Horizonte para Ouro Preto, a primeira vez que o casal fazia alguma coisa lado a lado com os colegas de trabalho dela, uma jovem profissional de 26 anos. A ideia era avaliar um programa turístico de final de semana: saída no sábado, hospedagem, passeios à tarde, jantar e, o ponto alto do roteiro, serenata pelas ladeiras históricas de Ouro Preto, com retorno no domingo. Exceto por alguns momentos de tensão durante a viagem de ida, quando percebia o marido contrair as mandíbulas só de ouvir as brincadeiras e risadas debochadas das secretárias, moças solteiras que não deviam satisfações a ninguém, muito menos a ele, parecia tudo sob controle. Ela se mantinha quieta, tensa, olhava a paisagem pela janela, vez ou outra sorria com a algazarra das colegas e mal ousava abrir a boca de tanta ansiedade – no fundo, achava bom que ele, finalmente, tivesse concordado em conhecer seu chefe e os diretores da empresa; ciumento demais, brigava por qualquer bobagem e a viagem serviria para mostrar que era um ciúme descabido, sem motivo.

As coisas começaram a desandar durante o jantar, com o grupo dividido em duas mesas grandes de muita conversa e descontração. Ele bebeu demais, quase não comeu, falou pouco, o tempo todo de cara amarrada, e, já na rua, seguiu com a mulher apenas um pequeno trecho atrás dos seresteiros e seus violões. Vamos embora, decretou de repente, e ela concordou calada, embora quisesse muito seguir rindo e cantando com os colegas. Foi uma caminhada curta e rápida, em silêncio absoluto. No hotel, ele abriu a porta do apartamento, ela entrou, colocou a bolsa sobre um móvel - e foi atacada. Em um momento estava de pé; no momento seguinte, jogada sobre a cama, com mãos apertando seu pescoço de um jeito que machucava e não lhe permitia respirar.

Não entendia o que estava acontecendo, não conseguia descobrir o que tinha feito de errado; via apenas o olhar transtornado do marido perto demais de seu rosto e tinha medo. Vagabunda, vagabunda, ouviu algumas vezes. Debatendo-se, conseguiu que ele afrouxasse um pouco as mãos e a primeira coisa em que pensou foi em pular pela janela, escancarada desde antes de eles saírem para o jantar. Ajoelhou-se depressa na cama, olhou para baixo, a distância até o chão era grande demais, coisa de dois andares, não teria coragem. Deveria ter gritado? Pedido socorro? Feito um escândalo? Deveria, mas não fez nada, com vergonha de escancarar aquela situação lamentável. Ficou em silêncio e ele a agarrou outra vez.

Ela empurrava o corpo sobre o seu com desespero, tentando escapar do aperto dolorido no pescoço, que lhe provocava falta de ar. Não sabe quanto tempo levou aquela luta tão desigual; tinha certeza apenas de que não queria morrer, não naquela noite, não daquele jeito. Houve, então, um segundo momento em que ele soltou as mãos; ela foi ágil, ficou de pé, agarrou a bolsa, abriu a porta e fugiu do quarto. Em vez de pedir ajuda, parou na recepção, pegou papel e caneta, rabiscou uma desculpa qualquer para o chefe, e saiu para a rua. Era madrugada e ela não sabia para onde ir. Andou sem rumo pela cidade deserta até perceber que ele vinha atrás, falando alto, alterado, jogando repetidas vezes a pequena mala com as roupas de ambos em sua direção, tentando acertá-la. A mala caía na calçada, ele a pegava e jogava outra vez; a bola do jogo de boliche determinada a derrubar o último pino. Deveria ter procurado a delegacia? Deveria, mas continuou quieta, caminhando encolhida e apressada até encontrar, por acaso, o ponto de ônibus da linha Ouro Preto – Belo Horizonte; naquele tempo, a cidade ainda não tinha estação rodoviária.

Ficou ali angustiada, com medo, durante duas ou três horas, não sabe quanto, agradecendo em silêncio quando as primeiras luzes do amanhecer trouxeram com elas os primeiros passageiros para a viagem. Já tinha, então, revirado a bolsa várias vezes; esforço inútil, não tinha um tostão. O marido, depois da bebedeira do jantar, estava sentado na calçada, a poucos metros de distância, e dormia, braços apoiados na pequena mala do casal. Quando o ônibus encostou, entrou rapidamente e ocupou um dos bancos da frente, ele passou direto e foi para o fundo. Poucos minutos depois, o cobrador aproximou-se para receber o valor da passagem e ela precisou arriscar cobre daquele senhor ali atrás, ele vai pagar. E apontou o tal senhor. Na chegada a Belo Horizonte, houve uma parada antes da rodoviária, o marido desceu e ficou à espera dela, junto da porta aberta, fazendo sinais amistosos com as mãos para que o acompanhasse. Ela apenas negou com a cabeça e seguiu viagem, aturdida com o fato de que para ele parecia tudo em paz.

Desceu na rodoviária, completamente perdida. Tinha certeza de que não queria ir para casa, mas estava sem dinheiro, cansada, machucada e conhecia pouquíssimas pessoas na cidade. Era um domingo ensolarado, bonito, e o relógio não marcava nem sete horas. De repente, lembrou-se de um casal mais velho, dona Elza e seu Heitor, cujo escritório de contabilidade foi, durante um tempo, vizinho ao do marido. Não tinham filhos, eram simpáticos e sempre a trataram muito bem. Sabia como chegar até a casa deles e decidiu apostar na sorte; era o que lhe restava.

Tomou um táxi e seguiu para lá; seu Heitor atendeu a campainha, disfarçou a surpresa, pagou a corrida e os dois a receberam de braços abertos, como filha, horrorizados com o enorme colar roxo que se formara em seu pescoço. Conversou muito, foi consolada, cuidada, alimentada, descansou, e, à noite, ele a colocou em um ônibus para São Paulo, rumo à casa dos pais e irmãos.

A surpresa e a indignação da família com seu pescoço machucado foram enormes, mas ninguém fez qualquer movimento para apressar o final do casamento da filha e irmã mais velha. A vida é sua, você decide, repetia o pai. Os dois irmãos e a irmã preferiram o silêncio; a revolta era evidente, mas nenhum deles disse o que gostaria de fazer com o troglodita, de quem, na verdade, nunca gostaram. Durante a semana, o telefone não parou de tocar: a mãe do marido, a irmã do marido, os amigos do marido, todos ligavam insistentemente para dar conta do sofrimento e do arrependimento do pobre homem, desesperado, sozinho em Belo Horizonte, a ponto de cometer uma loucura tamanha a paixão pela mulher. O pai atendia, ouvia e se limitava a reproduzir os recados. Você é quem sabe de sua vida.

Sete dias depois, como fazia todas as manhãs, o pai saiu cedo para comprar pão e voltou com uma novidade. Seu marido está estacionado na frente de casa e me pediu permissão para entrar e conversar com toda a família. Minutos depois, lá estava ele, sentado no sofá da sala, compungido, cabisbaixo, pedindo perdão, fazendo juras de amor eterno. Chegou até ao cúmulo de se colocar à disposição dos irmãos para levar uns merecidos socos na cara – coisa que nunca ocorreria, e ele sabia, pois a família abominava violência. Se o grande problema daquela segunda-feira fosse apenas o café da manhã arruinado pelo visitante inoportuno, essa história poderia ter um final até feliz. Mas foi pior: com o pescoço ainda roxo e convencida pela lábia do marido, a filha e irmã mais velha entrou com ele no carro e voltou para casa, em Belo Horizonte.

III

Minha irmã está casada há seis anos e, nesse período, estive pouco mais de uma dezena de vezes com meu cunhado, de quem gosto cada vez menos. Do primeiro contato, quando me pareceu um idiota vaidoso e arrogante, ao último, quando reforçou minha certeza de estar diante de um brutamontes violento e

ignorante, passei por todos os graus de desprazer. A cada encontro, ele se supera, a ponto de, por fim, me levar a ouvir, atentamente, a proposta da babá de meu sobrinho de dois anos e meio, filho do casal. Vou pensar a respeito, prometi. E olhe que sou uma pessoa absolutamente pacífica.

Muito antes disso, há mais de cinco anos, no início do casamento, ele nunca escondeu que achava meu namorado escuro demais (também, pudera, é filho de negros) e eu, morena demais comparada à loirice de minha irmã. Muitas vezes, perguntou se não tinha competência para arranjar alguém mais branco; muito boba, ficava calada para não comprometer a paz familiar, quando minha vontade era responder com um vá à merda, seu inútil, me deixe em paz. Gostava de contar vantagem, de exibir o relógio caro, o carro esporte de luxo – dirigia na estrada a muito, muito mais do que cem quilômetros por hora, minha irmã ao lado, tensa, detestando aquela velocidade toda, mas sem coragem de abrir a boca para reclamar. As viagens eram frequentes. De Campo Grande, onde moraram por quase um ano, para Ribeirão Preto, terra da família dele, ou para São Paulo, onde moramos nós, a família dela.

Pois não é que numa dessas viagens resolveu trazer para Ribeirão Preto um tijolo prensado de maconha? Comprar foi fácil, em Campo Grande a droga rolava solta e ele conhecia meio mundo. O problema estava em como transportar a maconha. Metido a sabichão, meu cunhado resolveu a questão colocando o tijolo prensado e embrulhado em papel alumínio dentro do estepe. Com medo de despertar a raiva do marido, a tonta de minha irmã viu aquilo e não disse nada; ouviu até quando ele ligou para os amigos, alardeando a qualidade da carga especial que chegaria no sábado – e continuou muda. Já na estrada, dirigindo muito acima da velocidade permitida, foi parado por um carro da polícia. Quando me contaram isso, fiquei torcendo por um final trágico. Delegacia, prisão, qualquer coisa seria pouco para aquele cafajeste.

Mas não houve nada, nem uma multazinha. O policial pediu os documentos de praxe, ouviu a conversa dele, olhou bem para minha irmã e os liberou para seguir viagem. Sempre falastrão, meu cunhado até hoje adora contar que foi a lábia dele que os salvou, mas tenho certeza de que foi minha irmã a responsável pelo milagre. Uma jovem esposa loirinha de cabelos compridos, bonita, bem-vestida, meio tímida – e o policial não resistiu. Trocou com ela umas poucas palavras, embevecido com os olhos verdes que o fitavam intensamente, e deixou o

fora-da-lei escapar com seu tijolo de maconha no estepe. Fosse essa a pior de suas transgressões e eu nem diria para a babá que vou pensar a respeito; ao contrário, cortaria a conversa logo no início, faria de conta que nunca existiu e ambas seguiríamos nossas vidas.

O casal mora agora em Belo Horizonte, para onde se mudou há quase cinco anos – ali, nasceu meu sobrinho, que adoeceu outro dia e precisou ser internado. Penalizada com a situação de minha irmã, que construiu uma bem-sucedida carreira profissional na cidade e precisava trabalhar, pois coordena toda a divulgação do Carnaval, viajei para dividir com ela os plantões no hospital. Claro está que meu cunhado detestou o arranjo, mas não teve como abrir a boca para reclamar – era eu ou ele e nem de longe lhe passou pela cabeça renunciar ao apelo de uma geladeira forrada de cerveja. Enquanto durou a internação, que foi rápida, aguentei um tanto de cara feia e algumas imprecações ininteligíveis, flagrando, mais de uma vez, minha irmã chorando às escondidas pelos cantos. Bastou, no entanto, voltarmos para casa, em pleno Carnaval, para o ambiente deteriorar de vez. No domingo, usando uma patética sunga com estampa de oncinha, meu cunhado bebeu uma cerveja atrás da outra e, alterado, apareceu na sala com o revólver na mão, anunciando vou matar sua irmã, aquela puta, que deve estar dando por aí. A babá, no quarto com meu sobrinho, ouviu as ameaças e passou por mim lívida, de olhos arregalados, balançando a cabeça. Naquele dia, para nossa sorte, ele dormiu logo, bem antes da chegada da jurada de morte.

Mas o pior aconteceu na hora do almoço de segunda-feira, quando a babá preparou berinjela à milanesa especialmente para o menininho recém-saído do hospital, que adora o prato. Meu cunhado viu aquilo, falou barbaridades para a moça, jogou toda a berinjela no lixo e, como o filho começasse a chorar, deu-lhe um tapa no rosto, que o deixou com o nariz sangrando. Aquilo foi demais para a babá e para mim e, por isso, não estranhei quando, pouco mais tarde, ela me procurou para conversar. Então, meu sobrinho dormia e meu cunhado tinha saído, alguma coisa no escritório, parece. Sem alterar a voz, de hábito baixa e tranquila, ela colocou-me, de cara, uma questão que me fez prender a respiração: quer que eu dê um jeito nele? Como eu não conseguisse dizer nada, achou que não tinha entendido e foi explícita: quer que eu mate ele?

Depois, sem pressa, explicou que poderia fazer isso aos poucos, colocando vidro moído na comida dia após dia, em pequenas quantidades, de forma

a não despertar suspeitas – pode apostar que dá certo, garantiu. Eu continuei em silêncio, chocada, sem saber como proceder, porque, como disse, sou uma pessoa absolutamente pacífica. Por fim, constrangida com o rumo daquela conversa inesperada e, ao mesmo tempo, sensibilizada com a preocupação da babá, usei de todo o tato do mundo para explicar que estávamos ambas muito estressadas e seria melhor deixarmos aquela conversa para outro dia. Vou pensar a respeito, prometi, mais para deixá-la aliviada que disposta a considerar para valer sua ideia de assassinato a prestação.

Na quarta-feira de cinzas, voltei para São Paulo. E o trajeto até o aeroporto, com meu cunhado ao volante, ultrapassou todos os meus limites. Minha irmã sentou-se no banco do passageiro e eu, atrás; ele correu demais, subiu em calçadas, xingou a torto e a direito e quase parou o carro no meio da pista para bater num motorista que, acredita, estava olhando para nós. Que é que você quer com minha mulher, hem seu veado? Quando, finalmente, ocupei minha poltrona no avião, chorei compulsivamente, mobilizando outros passageiros e uma aeromoça, que providenciou água com açúcar enquanto batia de leve nas minhas costas. Desembarquei serena, consciente de que nem minha irmã nem meu sobrinho estão seguros ao lado daquele celerado. A todo momento, lembro-me da conversa com a babá e de sua proposta. Hoje acordei muito cedo, liguei para ela e fui direta.

IV

Em meu casamento, os desentendimentos estavam incorporados à rotina. Durante anos de discussões e ameaças, elaborei uma espécie de guia básico de sobrevivência, que relacionava itens como relevar provocações; fugir de assuntos espinhosos; nunca trabalhar de roupa justa ou levemente transparente; nunca citar, mais que uma vez no mesmo dia, o nome de um colega de trabalho; e nunca, sob hipótese nenhuma, olhar para os lados na rua, em restaurantes e bares ou sentada no banco do passageiro, quando acompanhada de meu marido. Aprendi também a exercitar a arte da indiferença, até com algum sucesso, mas não estava preparada para o que aconteceu em uma ensolarada e atribulada tarde de sábado, no início da primavera do último ano de nosso casamento.

Passava das duas quando meu marido chegou em casa, apertando os olhos e mexendo os lábios como se estivessem grudados e ele tivesse o tempo todo

que desgrudá-los, sinais evidentes, para mim, de que tinha bebido além da conta e poderia ficar violento a qualquer momento. Estava pronto para o confronto, e, para meu azar, me encontrou na cozinha logo ao entrar. Meu filho, que estava com dois anos, dormia e eu lavava as louças do almoço, depois de uma manhã tranquila e divertida na piscina do clube. Ignorei as provocações – e aí? Gostou de se exhibir de biquíni? Deixou muitos homens tesudos? -, pensando apenas em me refugiar no banheiro o quanto antes para que o infeliz pudesse cair na cama, dormir e me deixar em paz.

Mas houve um momento em que, de graça, ele insultou minha família, meus irmãos, uns bananas, disse, que, quando querem brigar, entram no armário e socam as roupas, sabendo que, com isso, abalaria minha indiferença. E abalou. Não aguentei, parei o que estava fazendo, fechei a torneira, virei-me, nas mãos um prato ensaboadado, olhei-o com muita raiva, e perguntei por que você não morre, hein?!?!. Ele chegou mais perto e disse repita. Eu repeti, agora com mais vontade, a raiva me fazendo falar alto, escandindo as palavras POR QUE VO-CÊ NÃO MOR-RE, HE-IN ?!?!.

Ele veio para cima de mim, furioso. Tentei escapar, não consegui, o prato espatifado no chão, minha camiseta rasgada pela força com que me puxou de volta. Foi aí que levei um soco e o sangue esguichou de meu nariz para os azulejos junto à pia, escorrendo pelo rosto, tingindo de vermelho também a roupa e o piso da cozinha. Lembro-me de ter berrado CHEGA!!!, sem considerar, nem por um instante, o que nossa vizinhança classe média pensaria daquilo. (E eu nem gostava de falar alto, de discutir, de fazer barulhos desnecessários. Sempre achei que é falta de educação. Além do mais, fazia poucos meses que tínhamos nos mudado para um prédio pequeno e simpático, de apenas dois apartamentos em cada um dos três andares.)

Desse ponto em diante, minhas lembranças se confundem; sei que estava machucada, dolorida, mas o pior era a sensação de derrota, de tanto faz, tanto fez. Meio que me arrastei até o quarto e, a partir daí, agi como um autômato, indiferente às dores do corpo, à roupa rasgada, ao sangue. Sentei-me na cama de casal num profundo cansaço, embotada, vazia. Então, como se uma mola me empurrasse, fiquei de pé, caminhei até o criado-mudo dele, abri a única gaveta e peguei o revólver, que ficava sempre ali, carregado, pronto para abater não imagino quais inimigos – uma peça assustadora, transportada há anos de um lado para outro

com o maior orgulho e carinho, e que eu sempre me recusei a tocar, com a impressão de que poderia disparar apenas com a intensidade do olhar.

Com a arma nas mãos, a força do hábito me empurrou de volta para meu lado da cama. Sentada, senti o frio, o peso do metal. Naqueles instantes, não pensei em nada, em ninguém, nem mesmo em meu filho tão pequeno e vulnerável, que dormia no quarto ao lado. Estava hipnotizada por aquele objeto escuro, capaz de me libertar de tudo aquilo. Levantei, então, o braço, encostei o cano na têmpora, o dedo indicador no gatilho, e fiquei ali, imobilizada, por um tempo que não sei calcular. Segundos? Minutos? Sabia o que deveria fazer, mas meu dedo não se movia, congelado na mesma posição. Em determinado momento, desisti, abaixei o braço, e comecei a chorar, envergonhada de minha covardia.

Meu marido entrou no quarto logo em seguida, deu um grito e correu para tomar a arma de minhas mãos, mal sabendo que era tarde demais: durante um tempo longo como a eternidade, enquanto estive sozinha, tentei e não consegui puxar o gatilho. Ele não precisava se apressar para salvar minha vida; covarde que fui, eu mesma fiz isso e me forcei a, finalmente, encarar toda a infelicidade daquele casamento violento e sem amor. O revólver foi escondido em algum canto do apartamento e eu nunca mais encostei numa arma em toda a minha vida.

Ainda naquela tarde, chamado por meu marido, um casal de amigos apareceu em casa. Enquanto a mulher me tratava como a uma criança machucada, falando baixinho, acompanhando meu banho e cuidando de meu rosto, imagino que ele teve uma conversa de homem para homem com o amigo. Deve ter reconhecido que se excedeu, sempre reconhecia, mas que, no fim das contas, a culpa era minha, que vira e mexe o tirava do sério. Sei que tomei um relaxante muscular e fui colocada na cama para dormir cedo; que os três acabaram comendo uma pizza; que meu filho acordou, foi trocado e alimentado; e que nunca mais vi minha camiseta feita em tiras e suja de sangue.

Isso tudo aconteceu no sábado. Na segunda-feira, procurei e contratei um advogado, contei-lhe minha história, e aguardei, durante alguns dias, a decisão judicial sobre o pedido que fizemos para que eu pudesse deixar minha casa juntamente com meu filho. Decisão aprovada, comprei passagens aéreas para a tarde do dia seguinte, em direção à cidade de meus pais. No dia da viagem, trabalhei de manhã e almocei em casa como se tudo estivesse absolutamente normal. Acho até que elogiei o tempero do feijão. Assim que meu marido saiu, preparei uma valise

com fraldas e uma troca de roupas para o pequeno, tomei um táxi para o aeroporto e nunca mais voltei.

V

Tive um único filho. Criança, gostava que lhe contassem histórias e que eu lhe coçasse as costas antes de dormir. Nos dois casos, insaciável: a mesma história repetida sem descanso, e o ato de coçar recomeçado tantas vezes, que quem acabava dormindo era eu.

Desenhava muito e poucos eram os motivos. Submarinos e tubarões, quase sempre, em geral acompanhados das frases “mãe te amo” ou “mãe te amo e te adoro”. Nadava muito bem, o meu filho. E aprendeu também um pouco de judô. Era, então, um menino quase loiro, de olhos esverdeados, que não chegava a ser magro. Briguento, adorava andar a cavalo e viajar.

Viajamos muito, somente nós dois no meu carro. Ele dormia no banco de trás e acordava, resmungando, “não acredito, mãe, que você se perdeu outra vez”. Era verdade: eu tinha, mesmo, me perdido outra vez.

Esse menino quase loiro teve uma boa infância. Acreditou em Papai Noel, procurou ovos de Páscoa entre as plantas do jardim, jogou bolinha de gude e empinou pipa com o avô, fantasiou ataques de ninjas pelo mar durante as férias, comemorou o aniversário com lindas festas e muitos amigos.

No início da adolescência, ficou muito alto e magro, deixou os cabelos crescerem, quis aprender a tocar guitarra, leu tudo de Sherlock Holmes, ensaiou jogar vôlei e falava um bom inglês.

Um dia, ainda na adolescência, descobriu as drogas e nunca mais se separou delas. Virou um moço bonito, sedutor, manipulador e mentiroso e, a partir de um momento, com quem foi impossível conviver. Tanto que cada um seguiu seu caminho. O meu, de muita ansiedade, sempre à espera de notícias. O dele, curto, terminou com uma overdose.